



## E NÃO POSSO SER EU UM TRANSFEMINISTA?

*Cauê Assis de Moura*

Escrevo atravessado por um misto de sensações que foi ler o livro *Transfeminismo*, o mais novo integrante da coleção *Feminismos Plurais*. Esta obra tem um papel fundamental de ampliar o debate acerca dos limites que circundam os feminismos, foi escrito por Letícia Nascimento: uma mulher travesti negra e gorda, pela qual tenho grande admiração. Tudo isso fez com que eu aguardasse ansiosamente a sua publicação, vibrei no dia do seu lançamento e terminei a leitura provocado e instigado a escrever. Afinal as boas leituras nos provocam isto, não é? Por isso quero falar das frestas, pensei em dizer janelas, mas são realmente frestas: estas aberturas estreitas, tortuosas, que a gente tem que espremer o corpo e ter muita maleabilidade para poder passar.

Cada página que fui lendo, me conduziu mais e mais para uma fresta bem apertada e feita sob medida para que meu corpo não pudesse transpor. Quando me deparei na página 47 com a seguinte citação: “[...] a historia do feminismo é intensamente marcada pelas lutas e resistências de mulheres cis, mulheres brancas, mulheres negras, travestis, transexuais, feministas socialistas, anti-imperialistas, mulheres lésbicas, mulheres latino-americanas, afro-ameríndias, indígenas, pessoas não binárias, pessoas queer” (NASCIMENTO, p. 47, 2021) eu me perguntei e nós transhomens<sup>12</sup> e pessoas transmasculinas?

Continuei a leitura sem tirar esta indagação da mente e fui percebendo que ela foi sendo alimentada e ampliada no decorrer da leitura. Entendo que o feminismo demande “o reconhecimento da luta política e produção teórica de pessoas que vivenciam as opressões de gênero (cis)sexistas e que se reivindicam dentro de uma performace de genero de mulheridades e/ou feminilidades” (NASCIMENTO, p. 56, 2021), mas aposto e acredito em um transfeminismo que vá além desta demanda, que

---

<sup>12</sup> Utilizo no texto o termo transhomens, pois, compreendo assim como João W. Nery que antes de ser homem eu sou trans e também como nos coloca a pesquisadora Simone Ávila a palavra transhomen escrita desta forma, sem separação entre as palavras trans e homem “se torna um substantivo, que é a palavra com que se denomina, e não se ‘qualifica’, um ser ou um objeto, como é o caso do adjetivo. Ao usarmos ‘masculino’ ou ‘feminino’ após transexual (transexual masculino, transexual feminino), ao usar ‘transexual’ após homem ou mulher (homem transexual, mulher transexual), estamos qualificando o sujeito (ÁVILA, 2014, p. 34).



não seja apenas um “lugar de luta política e produção intelectual compartilhada por pessoas que se autodefinem como mulheres, queers, travestis, mulheres transgêneras, mulheres transexuais, pessoas não binárias, travestis ou ainda de outros modos, como transviada ou bixa travesti” (NASCIMENTO, p. 58, 2021), ou em outras palavras não compreendo que o transfeminismo consiste apenas em “um movimento epistêmico e político feito por e para mulheres transexuais e travestis” (NASCIMENTO, p. 70, 2021).

Desculpe o excesso de citações, mas foi preciso trazer a palavra no literal para não correr o risco de ser mal interpretado, pois foi a forma como estas palavras foram colocadas que proliferaram em mim uma série de interrogações. Se eu entendi bem a discussão, o livro traz que as sujeitas do transfeminismo são aquelas que performam as mulheridades e/ou feminilidades. Pergunto: será que ampliar a concepção de mulher para o conceito de mulheridades, problematizando assim a relação sexo-genero e trazendo a noção de performance como definidora das sujeitas do transfeminismo, faz deste movimento uma luta plural? Ou apenas segue gerando exclusões tal qual a parcela do feminismo que exclui as mulheres negras e a parcela que exclui os corpos desobedientes de gênero? Assim, eu tomo emprestada a frase que intitula a introdução do livro e pergunto: E não posso ser eu um transfeminista?

Recordo que durante uma entrevista Djamila Ribeiro, filósofa e coordenadora da coleção feminismos plurais, ao ser perguntada se um homem pode se dizer feminista respondeu que:

Homens precisam discutir masculinidades, primeiramente. É interessante que entendam essa masculinidade construída na agressividade, essa masculinidade tóxica que não pode ouvir não. A filósofa Simone de Beauvoir disse: o único homem feminista é aquele que enxerga a mulher como sujeito. Como ainda são raros os homens que fazem isso, então talvez eu diga que não.... (RIBEIRO, 2018)

Fico pensando se em sua resposta Djamila levou em consideração a vivência de transhomens e pessoas transmasculinas, pois como nos coloca o filósofo e transhomem Paul B. Preciado, nós não pertencemos “à classe dominante, daqueles aos quais se atribui o gênero masculino no nascimento e que foram educados como membros da classe governante, àqueles a quem se concede o direito ou de quem se exige (e é uma chave interessante de análise) que exerça a soberania masculina.” (PRECIADO, p. 312, 2020) Em grande maioria nós fomos educados enquanto corpos femininos, isso nos



possibilita ter uma outra forma de visualizar e vivenciar as questões que envolvem o sexismo, o machismo e o patriarcado.

Então, eu indago, porque pensar um transfeminismo que exclui nossa participação? Ou se o transfeminismo realmente tem em seu horizonte, assim como é colocado no livro, o desejo de que “possamos romper criticamente com a compulsoriedade binária de que se é homem ou se é mulher” (NASCIMENTO, p. 58, 2021), por que então definir apenas pessoas que performam feminilidades e/ou mulheridades como sujeitas?

Uma das primeiras elaborações teóricas sobre transfeminismo no Brasil foram realizadas pela pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus que conceituou este enquanto um movimento intelectual e político que “pode ser compreendido tanto como uma filosofia quanto como uma práxis acerca das identidades transgênero que visa a transformação dos feminismos” (JESUS e ALVES, 2010, p. 14), trazendo assim desde o início no bojo de sua elaboração todas as pessoas transgêneras como sujeitas do transfeminismo. Inclusive em consonância com o texto escrito por Hailey Alves em 2012, que delineia alguns pontos para a agenda do transfeminismo, Jaqueline pontua enquanto agenda política do movimento “o direito dos homens transexuais a gestação e a aborto seguros” (JESUS, 2014 p. 251 apud ALVES, 2012). Pautas que permanecem fundamentais para as discussões transfeministas e que devem ser protagonizadas principalmente por transhomens e pessoas transmasculinas. Mas, na elaboração do livro, os pontos da agenda política do transfeminismo são sintetizados de forma que o direito sexual e reprodutivo de transhomens e pessoas transmasculinas não é pontuado enquanto uma demanda deste movimento. Considero esta uma forma de apagamento de uma luta tão importante para todas as pessoas trans.

Aliás, apagamento talvez seja a palavra que se adequa ao que o livro faz em relação aos transhomens e pessoas transmasculinas dentro da sua elaboração sobre o transfeminismo. Entendo que o transfeminismo, assim como o feminismo de uma maneira geral é um projeto que está em construção, que é plural e que “não constitui uma única possibilidade de pensamento” (NASCIMENTO, p. 91, 2021). Mas continuo sem compreender o porquê de não elaborar este dentro de uma perspectiva realmente plural, ao invés de continuar exercendo uma postura prática e teórica de exclusão?



Sei que esta é uma escolha, assim como é colocado no livro, para que fosse possível ter “uma coerência epistêmica e política, capaz de garantir uma coalizão estratégica com os demais feminismos dispostos a dialogar de modo interseccional sobre as maneiras como vivemos nossas [leia-se aqui: pessoas que performam feminilidades e/ou mulheridades] opressões de gênero, sem a crença em um determinismo biológico.” (NASCIMENTO, p. 91 grifo meu). Mas, prefiro seguir acreditando em um transfeminismo comprometido não apenas com a “coerência e coalizão” mas sim com a transformação, com o dismantelamento do sistema e seus eixos de opressões. Fico com as palavras do João W. Nery que estão na contra capa do primeiro livro escrito no Brasil sobre Transfeminismos:

O transfeminismo é um feminismo "ousado". Contribui também na luta contra o sexismo e a transfobia. Reconhece os direitos das pessoas transgêneras de poderem ser cidadãs, de terem autonomia, tanto para dizerem quem são quanto para produzirem seu próprio corpo - valores estes ainda negados por uma cultura que acredita que anatomia é destino. (NERY, 2014)

E com as palavras de Paul B. Preciado, que trazem o transfeminismo para esse lugar de ruptura:

O sujeito do transfeminismo não são as “mulheres”, mas os usuários críticos das tecnologias de produção da subjetividade. Esta é uma revolução somatopolítica: o surgimento de todos os corpos vulneráveis contra as tecnologias de opressão. A figura-chave do transfeminismo, inspirada pelo manifesto de Haraway, não é nem um homem, nem uma mulher, mas um hacker mutante. A questão não é: o que eu sou? Qual sexo ou qual sexualidade? Mas: como isto funciona? Como podemos interferir no seu funcionamento? E, mais importante ainda: como isso pode funcionar de outro modo? (PRECIADO, 2018, p. 11-12)

Trago as elaborações destes dois transhomens que me inspiram para marcar nossas contribuições, para não deixar apagar nossa presença, para ampliar a riqueza e as inquietações que me provocaram a leitura do livro Transfeminismo de Leticia Nascimento. E quero por fim evidenciar que este texto é apenas o início de uma discussão que pretendo ampliar, pois sinto que ela precisa ser feita. Nosso lugar nas discussões acerca dos feminismos e dos transfeminismos são frestas por onde, com um certo esforço, é possível vislumbrar outros horizontes.

### **Referências Bibliográficas**

Alves, Hailey. . Introdução ao transfeminismo. Transfeminismo, 2012. Disponível em: <https://transfeminismo.com/introducao-ao-transfeminismo/> Acesso em: Ago. 2021.



RIBEIRO, Djamila. Homem tem lugar no feminismo?. [Entrevista concedida a] Natacha Cortêz. UOL, 03 de jan. de 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/01/03/homem-tem-lugar-no-feminismo-feministas-dizem-qual-e-o-papel-deles-na-luta.htm>. Acesso em: Ago. 2021.

ÁVILA, Simone Nunes. FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo. 2014. 243 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Humanas, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/129050/329117.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jul. 2021.

NASCIMENTO, Leticia. Transfeminismo. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PRECIADO, Paul B. TRANSFEMINISMO. N-1edições, 2018. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/cordeis/TRANSFEMINISMO-12> Acesso em: 10 Ago. 2021

PRECIADO, Paul B. Um apartamento em Urano: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. Cronos – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal, v. 11, n. 2, jul./dez. 2010. p. 8-19. Disponível em: <https://www.periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/2150/pdf>. Acesso em: 28 Ago. 2021

JESUS, Jaqueline. Gomes. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. Universitas Humanística, 78, pp. 241-258. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/791/79131632011.pdf> Acesso em: 22 jul. 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de (org.). Transfeminismo: teorias & práticas. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2014. 206 pp.

JOÃO, W. Nery. TRANSFEMINISMO. In: Transfeminismo: teorias & práticas. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2014.